O QUE É DIGNIDADE E QUAL A SUA RELAÇÃO COM O CONCEITO DE PESSOA?

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo: Nossa intenção neste artigo é apresentar a doutrina de Tomás de Aquino sobre a pessoa e suas principais questões na arquitetura de suas exposições e análises filosófico-teológicas.
Palavras-chave: Tomás de Aquino, dignidade, pessoa.

Abstract: Our intention in this paper is to present the Thomas Aquinas' doctrine of person and his main questions in the architecture of his expositions and philosophical-theological analyses.
Keywords: Thomas Aquinas, dignity, person.

INTRODUÇÃO.

1. O QUE É DIGNIDADE?

Quando pensamos em dignidade duas palavras nos vêm imediatamente à mente: *valor* e *nobreza*. Sabemos que muitas coisas têm valor e nobreza, por exemplo, o ouro, a água, o automóvel etc. Mas se estivermos atentos perceberemos que tais coisas só possuem valor e nobreza relativos à matéria de que são feitas. Outro dado é acerca da utilidade que elas podem ter em dadas circunstâncias. Uma barra de ouro vale muito mais do que um copo com água, porém de que vale uma barra de ouro para um homem prestes a morrer de sede no deserto?

Obviamente, neste caso, nenhum ouro do mundo lhe seria mais necessário do que a água suficiente para salvar-lhe a vida. Nesta circunstância, a água vale muito mais do que todo o ouro do mundo, porque a sua matéria é mais útil para aquela referida situação. Poderíamos perguntar se a matéria da água é mais nobre do que a do ouro, não em questão química, mas em termos biológicos. A resposta seria muito mais fácil, porque a água é um bem necessário para a sustentação da vida e o ouro não. Um homem pode passar por toda a sua vida sem sequer ver o ouro, mas não sem beber água.

Vemos, então, que as coisas são valoradas, sobretudo, com relação à utilidade que as suas matérias possuem em cada circunstância. O valor que lhe é conferido depende do modo como estes bens naturais são considerados, se

eles são bens necessários ou não para a vida. Excetuando isso, no geral as coisas são medidas segundo a utilidade que elas possuem, à vezes, subordinando-o a necessidade, a superfluidade ou a escassez em dada circunstância. Nesta perspectiva, o valor dos bens deve subordinar-se àquelas circunstâncias. Ora, relativizar um bem segundo aquelas condições é relativizar o seu valor. Isso significa que um bem material é relativo, pois não pode ser considerado, de modo absoluto, como algo valoroso e nobre em si mesmo, independente da circunstância em que é útil para a vida do homem, porque se relaciona sempre à vida do homem, além de estar condicionado à necessidade, superfluidade ou escassez.

Quanto à teoria do valor referente à troca, compra e venda, Marx descreveu-a como 'mais valia', para criticar a doutrina capitalista que punha, sobremaneira, no capital, o valor de compra e venda de bens, como o que fosse necessário e valoroso em si. Em outro lugar, oportunamente gostaríamos de voltar a este assunto. Deixemo-lo agora e voltemos à questão central, após esta breve especulação de que as coisas ou os bens matérias não são nem valorosos e nobres em si mesmos se não se tem o referencial humano. Portanto cabe a pergunta: será que existe alguma realidade que possa ser considerada nobre em si mesma independente da circunstância?

Se existe não poderá ser algo, mas *alguém*, pois dentre as coisas materiais o homem é a única realidade nobre, digna em si mesma, mesmo quando, infelizmente, possa ser usada como algo. A coisificação da pessoa e a personificação das coisas, dos minerais, vegetais e animais, dá-nos uma mostra de que as pessoas não têm considerado corretamente a dignidade humana, justamente porque considera o homem como um objeto qualquer, valorado segundo a circunstância e a utilidade.

Mas como podemos provar que o ser humano é a única realidade do universo material que pode ser considerada digna em si mesma? A natureza que nos rodeia serve-nos de escola. Se atentos observarmos o que ela tem a nos ensinar acerca das realidades que a compõem, constataremos haver no mundo natural uma evidência: *cada ser atua conforme a sua natureza e, por meio desta atuação, busca realizar o melhor para sua própria natureza*.

E não somente as naturezas viventes, senão todas. A diferença é que as viventes interagem com o meio e, maximamente, a humana que tem consciência e liberdade para fazer isso. E por mais que queiramos modificar a natureza de cada um destes seres, na medida em que propomos um novo modelo de atuação e operação, não conseguiremos e se conseguíssemos, destruiríamos ou modificaríamos parcial ou completamente a própria natureza da realidade em questão.

Se lançarmos uma pedra mil vezes para cima, mil vezes ela cairá, e por mais que queiramos modificar essencialmente isso não conseguiremos, porque está inscrito em sua natureza um princípio que a determina sempre a atuar conforme o seu estado natural, ao qual a ciência considera e estabelece como uma lei geral da natureza desta realidade, como a da gravidade. Mudar a sua trajetória não é fazer que não caia. E por mais que queiramos imprimir na natureza da pedra uma nova lei intrínseca que a faça atuar diferente do modo como está naturalmente ordenada a atuar, não conseguiremos sem destruí-la ou gerar uma nova natureza.

Mesmo num ser microscópico encontramos uma ordem de ação que segue à sua estrutura genética e que visa à realização de sua respectiva natureza. O vírus é um microorganismo parasito intracelular que se reduze a um filamento simples ou duplo de material genético, que interage com o hospedeiro. E interage com o hospedeiro segundo a estrutura genética que possui, de modo que a sua ação se realize conforme a sua estrutura natural. Mesmo um microorganismo como a bactéria, possui uma estrutura interna que a possibilita interagir com os seres vivos, na medida em que, por meio desta atuação, realiza a sua própria estrutura.

E o mesmo se aplica à natureza vegetal, pois seja qual for o vegetal, todas vivem buscando realizar, do melhor modo possível, o bem das suas respectivas naturezas. Observemos, por exemplo, a samambaia que foi pendurada num canto alto de uma grande varanda, onde pela manhã somente uma parte dos seus ramos é iluminada pela luz do Sol. Perceberemos que a parte onde recebe pouca luz solar tenderá, por meio de sua operação, ao que seja melhor para si. Atuará como se 'obedecesse' a um princípio que a ordena internamente a buscar um bem para a sua natureza, a saber, a luz solar. Com isso se patenteia que mesmo as plantas buscam o que é melhor para si mediante as operações próprias da sua natureza.

De um modo ainda mais evidente podemos perceber isso na natureza animal, dos seres vivos dotados de sensibilidade e de uma estrutura neural mais complexa. O instinto é neles esta força para agir, na medida em que buscam realizar o que é melhor para a sua natureza. É força vital estável de origem orgânica determinada no animal, que direciona todos os seus sentidos e órgãos para conservação do indivíduo (nutrição) e da espécie (reprodução). Esta potência é, pois, um princípio biológico estável e permanente que move o animal de um modo habitual e constante para a ação que preserve e desenvolva a sua natureza. Assim, pois, a abelha faz o mel como sempre o fez. O mesmo se diga de qualquer animal, por exemplo, a aranha que tece a teia como sempre a teceu e o leão caça a zebra como sempre caçou.

Se voltarmos, agora, a nossa atenção para o homem, nós veremos que ele atua de modo diferente ao dos animais. O homem, sem deixar de ser o que é por natureza, sempre mais é capaz de aperfeiçoar a sua atuação. A história nos evidencia isso, como se nele houvesse uma *tendência natural* de agir, mesmo em situações diversas, conforme um fim que seja um bem para a sua natureza. Isso o torna diferente porque o coloca como sendo o único ser corpóreo que é capaz, por meio da atuação e segundo a disposição da sua natureza, não somente ser aperfeiçoado, senão, inclusive privar-se e destruir-se. Não obstante, mesmo quando age mal, agindo contra a própria natureza, pensa – ainda que equivocadamente – realizar algum bem para si.

Mediante esta capacidade que lhe é própria, o homem dentre os animais, é o único que não come estando com fome; ou que come sem nenhuma fome; que não dorme estando sonolento, e se força a dormir sem estar com sono, e inclusive acorda com sono; que não realiza o bem, mas o mal que não deseja; que é capaz de ser livre e não sê-lo.

Denomina-se *liberdade* isso que no homem o difere substancialmente dos demais seres que existem em todo o universo material. O que é a liberdade? A liberdade é uma capacidade que, entre as criaturas materiais, existe só no homem, como um ato próprio. Não se trata de uma capacidade herdada por evolução de corpos inferiores ou da genética dos pais, identificável com algum órgão do corpo. Nenhuma ciência se arriscaria impunemente em afirmar isso. Trata-se de um princípio inato incorpóreo e exclusivo, como o que de mais nobre e digno existe na própria natureza do homem. É, enfim, uma perfeição espiritual que existe na natureza do homem que o capacita a ser senhor de suas próprias escolhas. Isto o inclina para o bem e para a verdade, mediante as escolhas que o homem faz pautado nas decisões acerca do que entende, quer e deseja.

Quanto à origem, ela emana da *razão*, se manifesta pela *vontade* e se realiza na *escolha*. O homem, mediante esta capacidade, pode querer e não querer, fazer e não fazer. E a razão disso está no próprio poder da razão[1]. Por isso se diz que o ser humano é digno. É a *liberdade* o que confere valor e nobreza ao homem, porque é um bem que o aperfeiçoa por meio da ação. Igualmente permite colaborar na melhora da ação dos outros homens, quando é instrumento para o bem e para a verdade. Enfim, a liberdade capacita a pessoa a tornar-se o que ela é chamada a ser por sua natureza. Muito oportunamente Santo Agostinho a denominou 'apanágio', coroa da natureza humana. Enquanto tal, a natureza humana é dada pela composição do espiritual com o corporal. Ora, a liberdade é perfeição do espírito. Por isso, ela excede toda a estrutura orgânica, instintiva e afetiva, que constitui o ser fisiológico do

[1] TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*., I-II, q.13, a.6, c.

homem, coroando-o com ações livres e tornando-o senhor de suas próprias ações. Esta *excelência* se encontra presente na natureza do homem desde a sua concepção, de um modo real, como capacidade de operar e manifestar-se gradativamente, segundo o próprio desenvolvimento orgânico do homem, porque é uma faculdade do espírito exercida nesta vida em sua condição carnal, embora ela mesma não seja algo material ou algum órgão do corpo.

2. O QUE É PESSOA?

O ser humano, por causa desta excelência, é o único ser corpóreo que recebe um nome especial, a saber, o de *pessoa*, próprio dos indivíduos de natureza espiritual ou que possuem algo de espiritual em sua sustância[2]. Mas, o que é pessoa? Em primeiro lugar cabe dizer algo sobre a origem desta palavra: o termo 'pessoa' derivou de *persona*, palavra latina que traduzia o sentido do nome grego *prósopon*, cujo significado original era o de máscara, artefato usado pelos atores no teatro grego[3].

Remonta-se o uso e significado da palavra *prósopon* ao ilustre poeta grego Homero [850 a.C], em sua célebre epopéia *Odisséia* (18, 192). Com respeito ao seu uso originário, contam que os atores, denominados *hypocritas*, representavam, nas comédias e tragédias, aqueles homens que lhes interessavam imitar, seja por motivo de escárnio, vingança ou respeito.

Para tanto, usavam *máscaras* com formas de *aparência enganosas*, que lhes cobriam totalmente a face, tornando-lhes irreconhecíveis pela platéia e por aqueles, cujas vidas eram representadas. Tais artefatos traziam alguns traços fisionômicos que pudessem lembrar algo do personagem representado. Deste modo, o ator permanecia anônimo e nem mesmo sua atuação dada por expressões corporais e *pela voz* ampliada, ao soar pelo orifício central da máscara, revelava a sua identidade. Não sem fundamento a transliteração latina da palavra grega *hypocritas* serviu no contexto cristão para significar a devoção fingida.

Conta-se que um popular ator romano, Quintus Roscius Gallus [126-62 a.C][4], foi o responsável pela importação da *prósopon* do teatro grego para o

---

[2] TOMÁS DE AQUINO, S. *De pot*., q.9, a.1, ad2.

[3] Cf. FAITANIN, P. "Acepção teológica de 'pessoa' em Tomás de Aquino", *Aquinate*, n°.3, (2006), 47-58.

[4] Ator comediante romano nascido em Solonium, perto de Lanuvium, com grande talento para imitações, especialmente fazer rir com caricaturas de pessoas famosas. Dotado de uma face bonita e figura varonil, ele estudou os trejeitos e gesticulações da maioria dos defensores importantes no Forum, especialmente Hortensius, e tornou-se muito querido entre os romanos por sua arte humorística e por sua elegância. Insuperável como comediante, chegou a rivalizar com Cícero em prestígio popular, ele na comédia e o rival na

teatro romano, com o único propósito de esconder um infeliz estrabismo[5]. Talvez, neste mesmo período, cerca do séc. VI a.C, tenha-se traduzido aquela palavra grega para o latim como *persona*, provavelmente não para significar propriamente a máscara, pois já existia em latim a palavra masca que traduziria seu significado perfeitamente, mas para traduzir o ato de representar uma personagem mediante a impostação da voz, pelo som [*persona*].

Esta palavra uma vez entrada no domínio da cultura latina evoluiu gradativamente do seu sentido original que nomeava a atuação para significar o próprio *ator*. O ator saía do anonimato e a palavra *persona* passava a designar o próprio indivíduo que atuava. Daí em diante e muito rapidamente esta palavra foi incorporada no contexto jurídico, especialmente com Cícero, para significar o indivíduo enquanto cidadão e, logo, foi absorvida pela filosofia e mais tarde com Boécio passou a significar o 'individuo de natureza racional'. Como serva da teologia no medievo, a filosofia emprestou seu uso para a teologia. Tomás de Aquino depurou o seu sentido e a fez significar a *subsistência* da natureza Angélica, humana. Em teologia, no caso da Trindade, pessoa não designa a subsistência individual, mas a relação subsistente, para evitar assim que se designasse com a palavra 'pessoa' três naturezas divinas subsistentes, mas antes uma tríplice relação subsistente numa única natureza divina.

A partir de então, a palavra pessoa passaria a designar *subsistência*, *dignidade* e *excelência sobrenatural*, estendendo-se o seu uso para nomear não só a natureza humana como *ser individual de natureza espiritual subsistente*, mas também a Angélica, e as realidades divinas subsistentes por si mesmas. Daí a palavra pessoa passou a ser um nome especial que servia própria e adequadamente para nomear os indivíduos de natureza racional[6], porque estes eram os únicos, dentre as coisas corpóreas, capazes de subsistir, entender, amar, segundo sua natureza individual.

3. QUAL É A ORIGEM DA PESSOA HUMANA?

Desde a concepção, o embrião humano é pessoa! A natureza da pessoa embrionária é a mesma natureza humana durante todo o seu

---

oratória. Sobre a vida deste ator: Wilson, E. & Goldfarb, A. Living Theatre: a history. Fourth Edition.

[5] HOBAN, J.H.*The Thomistic concept of person and some its social implications*. Washington D.C: The Catholical University of América, 1939, p. 25; REINFELDER, H. "Das Wort 'Persona'", *Zeitschrift für romanische Philologie*, 77 (1928), p. 7.

[6] TOMÁS DE AQUINO, S. *De pot*., q.9, a.1, ad2.

desenvolvimento[7]. A natureza humana não muda nem se transforma, porque permanece a mesma seja enquanto embrião ou pessoa adulta. Há mudança? Não essencial, mas só acidental, por exemplo, aumento da quantidade, mudança da figura, cor, tamanho etc. Isto não é transformação essencial. Se caso houvesse mudança essencial da natureza, de um embrião humano poderia vir algo não humano e vice-versa. Contudo, ninguém duvida de que de um embrião humano saia um ser humano, pois da mesma forma não se espera um crocodilo de um embrião de elefante.

O nome 'pessoa' se aplica só ao indivíduo humano. Se toda pessoa é indivíduo humano, nem todo indivíduo é pessoa humana. Para ser pessoa exige-se, além de ter natureza individual, ter natureza espiritual subsistente, ou seja, ser capaz de manifestar atos livres que não sejam estranhos à corporeidade humana, mas transcendam-na pelos atos de entender, querer e amar que podem permanecer subsistindo no espírito, mesmo quando corrupto o corpo, ao dar-se a morte.

O nome 'pessoa' para ser aplicado ao indivíduo humano exige, pois, que nele exista uma natureza que subsista e seja espiritual. No homem esta natureza espiritual é a alma humana, o princípio de vida do corpo. A alma humana não é produzida a partir do próprio corpo ou do corpo dos genitores. Ela é criada diretamente por Deus, como um sopro, um falar de Deus, e imediatamente infundida no corpo, que simultaneamente se formou, a partir da composição da herança genética dos genitores. Neste encontro entre a herança paterna sobrenatural e a paterna natural, *a alma anima o corpo dando-lhe ser e vida e o corpo individua a alma dando-lhe existência, corporeidade e individualidade*, de cuja relação constitui-se a substância individual de natureza racional, cuja palavra 'pessoa' serve para nomear.

De fato, o modo como se dá a união de ambas as heranças sobrenatural e natural é um mistério, transcende à compreensão ordinária da razão humana. Não sem razão cometem-se muitos erros acerca disso justamente por não considerar sua dimensão transcendental. Uma analogia: do mesmo modo que Cristo – por quem todas as coisas foram criadas – é a *Palavra* de Deus concebida na carne, podemos dizer, guardando as devidas proporções, que a alma racional também é uma palavra de Deus dita na carne. Não obviamente tal como o Logos, que é o próprio Deus, mas como palavra advinda d'Ele que não se confunde com o seu próprio Ser, mas que representa a modo de imagem e semelhança e participa de alguma perfeição do é o Logos em si.

Entendida não como uma emanação de Deus, mas como obra de sua criação, pode-se dizer que a criação da alma racional é um falar de Deus à

[7] Sobre este tema ver o nosso: FAITANIN, P. "A concepção e individuação do embrião humano em Tomás de Aquino", *Aquinate*, n° 1 (2005), 109-149.

humanidade. Deus nunca se silenciou, são pois os nossos ouvidos que não escutam a sua constante fala e revelação ao mundo, mediante a criação das almas. Se a alma humana é uma palavra [*conceptus*], seu encontro com a carne foi muito adequadamente entendido como concepção [*conceptio*], ou seja, a concreção desta fala. Ora, como não há para Deus uma fala sem um significado, toda alma criada é sempre um anúncio, uma efetiva expressão e realização desta palavra na carne, ao modo de uma memória do mistério da encarnação, paixão e ressurreição de Cristo. A concepção é, pois, um anúncio da alma racional na carne. Mistério que reproduz na criação, guardadas as comparações, o mistério da encarnação. Este falar de Deus é íntimo, porque penetra a carne comunicando-lhe a vida, ao mesmo tempo em que clama ao soerguimento a carne decaída. Carne herdada geneticamente dos progenitores que assume e fixa completamente todo o programa de formação e desenvolvimento da vida física do corpo e da vida espiritual da alma naquela carne embrionária.

Como uma *transformação*, se impõe a forma racional no lugar das formas elementares dos gametas mesclados, sem que com isso sejam modificados os acidentes que previamente revestiam-nas. Tomás nos diz que o infinito poder de Deus pode transformar qualquer matéria em qualquer forma[8]. Guardadas as proporções, isso nos faz recordar o mistério da transubstanciação, em que a substância do pão muda para a substância do corpo de Cristo, mantendo, porém, as formas acidentais do pão.

Será que estaria tão longe do mistério da Eucaristia do mistério da criação da nossa alma? Obviamente não se afirma aqui que a concepção da alma no corpo seja idêntica à transubstanciação. O que se diz é haver uma possibilidade de analogia em ambos os mistérios. Isso, talvez, porque seja pela mesma natureza divina, embora não pelas mesmas pessoas, que Deus-Filho se transubstancie no pão e que Deus Pai crie a alma no corpo. Em todo caso, nada disso contraria o poder e o amor de Deus.

Retomemos o nosso ponto: ao mesmo tempo em que o corpo é disposto, a alma lhe principia a vida espiritual, enquanto ele a recebe e sustenta todo o patrimônio genético herdado dos progenitores. De igual modo, a alma herda em si um patrimônio espiritual que a torna digna, por ser filha de Deus: o intelecto, a vontade e a liberdade. E como é a alma o princípio e a ordem da vida, de agora em diante, é ela mesma quem ordenará todo o movimento para a realização e desenvolvimento daquele patrimônio genético na carne embrionária.

Ora, a palavra pessoa refere-se ao todo humano espiritual-corpóreo, portanto, esta palavra não se refere só à alma ou ao corpo, mas à união

[8] TOMÁS DE AQUINO, S. *STh*. III, q. 28, a. 1, ad. 5.

substancial e atual de ambos. Corrobora isso a tese Tomasiana, segundo a qual afirma que a alma é mais perfeita quando unida ao corpo, do que quando se separa dele[9]. Toda a individualidade embrionária, genética, quântica, metafísica e teológica, configura-se desde a concepção, embora o desenvolvimento do que é próprio da pessoa se dê paulatinamente, segundo o desenvolvimento do próprio corpo. Daí muito oportunamente os especialistas denominarem *personalidade* a este desenvolvimento *como o modo pessoal pelo qual o indivíduo racional realiza-se e manifesta-se pelo corpo, pela mente e paixões*.

4. COMO SE REALIZA A PESSOA?

Da concepção à morte, o homem nunca deixa de ser pessoa, porque em nenhum momento não é indivíduo de natureza racional, livre, capaz de conhecer e amar, mesmo que sua dimensão corpórea não possa adequadamente expressar estas mais elevadas aspirações. Por este mesmo motivo, nunca poderá ser considerado como 'algo', 'coisa', pois o fato de que não possa manifestar explícita e ordenadamente a racionalidade. Isso não significa nunca ter possuído ou ter deixado de possuir a racionalidade, porque embora a racionalidade seja superior às funções sensitivas e vegetativas, delas dependem para manifestar a sua própria potência e capacidade, porque como já dissemos acima, o homem não é só o seu corpo ou só a sua alma, mas a união de ambos.

Tudo em nós está embevecido desta natureza racional, desde a fisiologia dos instintos à espiritualidade das intenções. Não dá para dissociar no estado desta união atual, o espírito da carne e a carne do espírito, embora seja cada substância de natureza e origem distintas. A vida do homem é isso.

Pois bem, a pessoa em função desta excelência que possui em si mesma – a liberdade – é capaz de auto-realizar e aperfeiçoar-se plenamente, chegando a ser aquilo para o qual foi criada a sua natureza, tornando-se aquilo que ela deve é, como nos recorda a sentença de Píndaro. Exige-se, para tanto, uma abertura, pois é justamente na *comunicabilidade* entre as pessoas que propriamente se dá o dinamismo de sua auto-realização. Embora esta capacidade lhe confira *autonomia*, ela só se realiza numa *koinonia*, na convivência amistosa.

Esta excelência que define o homem 'digno', a *liberdade*, e que lhe possibilita um nome especial, *pessoa*, confere o direito e o dever de o indivíduo

[9] É natural que a alma se una ao corpo [*STh* I q76 a1 ad6], porque 'melius animae est ut corpori uniatur' e 'anima unita corpori perfectior est quam separata' [*STh* I q89 a1 sol; a2 ad1; q90 a4 sol; q118 a3 sol; *In IV Sent* d43 q1 a1 quaest1 ad4; d49 q1 a4 quaest1 sol; *CG* I c85; *De Pot* q5 a10 sol].

humano ser respeitado como um bem e fim em si mesmo e nunca como um valor relativo[10], substituível por alguma outra coisa equivalente. Disso decorre que cada pessoa humana é única e insubstituível, pois aquilo que a constitui na integralidade do seu ser é incomunicável; um patrimônio integral genético-espiritual.

A pessoa humana é única e insubstituível no que é, porque a liberdade lhe confere uma radical individualidade, nunca penetrável por qualquer outra pessoa, mas paradoxalmente esta unidade depende da manifestação da liberdade na relação com a diversidade de pessoas, como se a unicidade de cada pessoa dependesse da afirmação da diversidade de todas. Por isso *a liberdade humana é perfectível... e se realiza na inter-relação pessoal...* e nisso reside a afirmação da excelência do ser humano: *ele já sendo o que é, é chamado a ser mais...mediante a sua liberdade*.

CONCLUSÃO.

A *dignidade* só se afirma perfeitamente no universo material criado, da vida humana, não de qualquer forma de vida. Não se afirma das coisas, pois se acaso as coisas forem denominadas dignas, serão em função da relação benéfica de sua necessidade e utilidade para com a vida humana. Fora disso, qualquer coisa que não sirva para manifestar, realizar a dignidade humana, deve ser considerada indigna. A vida humana é digna, porque é vida por excelência que se realiza e se plenifica na reta utilização da sua nobreza: a *liberdade*.. No homem é a liberdade que fundamenta e manifesta sua dignidade. Por isso, ao se pensar em dignidade no fundo estamos falando da liberdade.

Dignidade não é um conceito vazio de conteúdo inventado pela razão. A palavra 'dignidade', é um nome que identifica um conceito. Este conceito a razão elabora em si mesma, depois de constatar a evidência de que há nela e em cada indivíduo humano tal perfeição. Esta perfeição torna o homem capaz de ser senhor de sua própria ação e de aperfeiçoar ou não tudo o que ele é ou faz.

Assim sendo, o fundamento metafísico da dignidade humana é posto na própria natureza racional do homem, como uma perfeição perfectível, ou seja, um bem passível de melhorar aquilo que já é um bem em si mesmo. Toda liberdade se concretiza num ato de decisão: a *escolha*! Mas a pessoa só se auto-realiza quando esta escolha se converte num benefício para a própria natureza e não contrarie os princípios e os objetos norteadores da liberdade, a saber, a verdade que busca a razão e o bem a que tende a vontade. Por isso o exercício

[10] KANT, I. *Grundlegung zur Met. der Sitten*. II.

da liberdade supõe a dimensão moral humana, mesmo porque é na responsabilidade moral que se manifesta e realiza a dignidade humana.

De qualquer modo, a tendência dos instintos e desejos humanos, em si mesmos, não aniquila a liberdade, mas na desordem podem tornar o ser humano menos livre no exercício da escolha. E estando pré-determinado a escolher o que deseja, se torna mais escravo da escolha pré-determinada. Assim, pois, o homem não é livre porque pode querer o que quiser, mas por poder escolher inclusive o que não quer. Seria 'menos' livre se escolhesse somente o que queira ou o que lhe confira certo 'ar' de bem.

O homem é 'mais' livre na medida em que sabe escolher o que deve. Porém 'menos' livre na medida em que não pode escolher senão o que quer. Portanto, o homem não é livre porque escolhe, senão que escolhe por ser livre. A liberdade não está na escolha, mas se realiza nela. E quanto mais se é livre na escolha, menos escrava é a liberdade. É preciso, pois, 'libertar' a liberdade no pleno exercício da responsabilidade moral e na aquisição de virtudes. É redundante falar da *dignidade da vida humana*, pois *a vida humana é por si e em si digna*. Qual vida dentre as que conhecemos tem a capacidade de auto-possuir-se e autorealizar-se? O homem tem vida e participa mais efetivamente do que é vida; os demais seres vivos somente participam da vida. Portanto, o conceito de dignidade não é uma mentira do intelecto, nem conceito vazio de conteúdo, porque ele resulta do que a razão considera existindo em cada indivíduo humano.

Tampouco se trata de considerar que o conceito de dignidade é uma imposição ou invenção da fé. A verdade da fé não afirma algo do homem que seja contrário ao que possa existir na natureza do próprio homem. A fé cristã através do *Magistério da Igreja* tem sucessivamente afirmado a dignidade da pessoa humana, a dignidade da vida do homem e clamado pela responsabilidade das ciências relativas à vida. Temos visto que a liberdade é, inclusive revelado no âmbito da fé como supremo valor da vida do homem. O que a fé nos revelou não contraria o que acedemos pela razão. Se 'Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação' [*GS* 1,15] o manifesta no pleno exercício daquilo que denominamos excelência na pessoa humana: a liberdade.

Diz-nos o Papa João Paulo II, em *Familiaris consortio*, que a Igreja está do lado da vida e que ela crê 'firmemente que a vida humana, mesmo se débil e com sofrimento, é sempre um esplêndido dom do Deus da bondade' [nº.30]. Na *Carta às Mulheres* exortava que as mulheres, mesmo diante de perversões, que traziam como conseqüência gravidezes devidas à injustiça de relações sexuais impostas pela força, que assumissem, nestas condições, com amor heróico, a opção pela sua criatura, pois a escolha do aborto as faria

permanecer sempre em pecado grave, pois não é da responsabilidade da mulher decidir sobre a vida [João Paulo II, *Carta às Mulheres*, n. 5]

Já antes o Papa Paulo VI afirmava que 'nenhuma espécie de pressão levará a Igreja desviar-se do seu caminho, para compromissos doutrinais ou para aceitar soluções em curto prazo. Não é de sua competência, com certeza, formular soluções de ordem técnica; a sua missão é a de dar testemunho da dignidade e do destino do homem, de molde a permitir a este elevar-se moral e espiritualmente' [*Ensinamentos de Paulo VI*, 28/031974, p. 273].

Assim, pois, o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, tem inscrito em sua natureza uma *saudade de Deus* que se manifesta numa incessante busca de algum porto que lhe seja seguro: se O ignora, desconhece ou nega, qualquer porto lhe parecerá servir. Mas se a imagem divina está presente em cada pessoa [*CIC*, n 1702], e a pessoa humana é 'a única criatura na terra que Deus quis por si mesma' [*GS*, 24, 3], esta saudade de Deus se manifesta ao homem sempre. Mas se o homem não descobre que esta saudade é de Deus e deposita no mundo esta esperança, continuará dispensando o mau uso de sua liberdade na eleição daquilo que não lhe é próprio e primeiro.

Cristo nos amou primeiro e de modo livre antes de pecarmos, por isso prova de amor maior não houve que um Deus se fizesse homem para salvar a quem Ele amou por si mesmo. Amou livremente a dor do homem pelo valor do próprio homem até o fim, e por ele morreu e por morte de cruz... custou a minha dignidade o sangue do cordeiro. Humilhou-se na cruz e por amor exaltou o valor da pessoa humana – obra máxima do Pai na terra – que se expressa na natureza individual de cada pessoa humana e nos faz descobrir o quanto somos queridos por Deus, só por ser o que somos. A dignidade da vida humana está em sermos o que somos no exercício desta excelência, para alcançarmos aquilo para o que nós fomos criados e somos ainda chamados. *A dignidade se fundamenta na liberdade, se manifesta e se realiza na responsabilidade moral e se justifica na fé pela semelhança a Deus.*